



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CONTOS E LENDAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1990 | Número: 100

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Contos e Lendas. *Revista de Guimarães*, 100 Jan.-Dez. 1990, p. 235-295

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Contos e lendas

Francisco Martins Sarmiento

Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, pp. 235-295

[1]

O Ganilho

Era uma vez um homem que vinha do Brasil para o Porto. Levantou-se uma grande tempestade e ele, vendo-se em perigo, prometeu à Virgem, se escapasse do perigo, casar com a rapariga mais pobre que encontrasse. Ele era muito rico. A tempestade passou e ele chegou ao Porto, onde tratou de cumprir a sua promessa. Depois de correr muitas ruas, viu um sapateiro que lhe pareceu a pobreza em pessoa, e ao pé dele, a fiar uma sua filha. Entrou e pediu a filha ao sapateiro. Este ao princípio cuidou que zombavam dele, mas, quando o pretendente lhe contou o seu voto, não teve que lhe dizer e deu-lhe a filha.

Viviam ambos muito bem e felizes, e combinaram que, se um deles morresse, o outro não deixaria deitar durante três dias terra sobre o cadáver e iria durante as três primeiras noites, iria (sic) passá-las ao pé da cova. Ora sucedeu que a mulher adoeceu e morreu. O marido meteu-se com o campeiro e conseguiu que ele não deitasse terra sobre o cadáver da mulher e o deixasse ir à noite para o cemitério. Chorava, chorava, quando à terceira noite sentiu que caía um ramo ao pé dele. Pegou no ramo; chegou-o ao rosto da defunta e a defunta ressuscitou. Imagine-se a alegria dele.



Passados tempos entrou um regimento no Porto. Vinha de Cádiz (sic). O comandante viu a mulher um dia na igreja e quando ela ia para a pia de água benta ele borrifou-a com ela. A mulher mostrou-se séria. Mas na vez seguinte, ele fez o mesmo e ela riu-se. Como o regimento tinha de voltar para Cádiz, o comandante pediu ao capitão do navio que logo que o regimento entrasse no navio, o capitão largasse a toda a pressa. O capitão prometeu. O comandante pediu à mulher para ir ver o navio, e depois de algumas recusas ela consentiu e foi. Quando o comandante a viu dentro fez sinal ao capitão que largou a toda a pressa pela barra fora. A criada da mulher, que ficara fora, toda aflita foi contar ao marido o que tinha sucedido; e ele comprou alguns baús e foi também para Cádiz.

Chegando lá, e vendo um dos soldados do regimento, chamado Ganilho, pediu-lhe para lhe arranjar que ele assentasse praça no mesmo regimento. Ganilho arranjou-lhe isso facilmente, e um dia que o novo soldado, muito aseado passava por baixo das janelas do comandante ele disse à mulher para ela ver como seu "recruta" era táful. Mal a mulher o viu, gritou:

"Estou perdida! é meu marido."

- Seu marido sou eu - disse o comandante.

"Deus permitisse que assim fora! - tornou ela."

O comandante deu ordem para virem todos os soldados, a pretexto de que um deles lhe roubou um anel de diamantes; revistou-os todos e viu-se que o anel fora roubado pelo novo soldado, porque o comandante que levava o anel escondido na mão fingiu que lho encontrou no bolso. O homem disse ao Ganilho que estava perdido, e que se ele era seu amigo lhe havia de fazer um favor. O Ganilho, a quem ele tinha já dado muito dinheiro prometeu-lhe que sim e ele então disse-lhe que depois que fosse fuzilado, ele o mandasse deitar à cova, mas que arranjasse com que o coveiro não lhe deitasse terra na cova; que ele Ganilho fosse a casa dele e pegasse num baú que lá estava cheio de dinheiro, que tomasse um ramo (era o tal ramo que ele tinha trazido consigo) e que lho fosse chegar à cara, quando ele estivesse na cova. O Ganilho assim fez, e logo que o ramo tocou na cara do morto, ele ressuscitou.

E foi, andou e chegou ao palácio do rei. Estava tudo muito triste no palácio, porque o Rei estava sem esperanças de vida, nenhum médico o salva. O homem disse que fossem contar à Rainha que estava ali quem talvez lhe curasse o Rei. Os guardas duvidaram, por

terem sido chamados em vão os melhores médicos, mas sempre deram parte.

A Rainha mandou chamar o homem, e ele disse que curava o Rei se o deixassem ficar com ele toda a noite. Matou-o, e chegando-lhe o ramo ao rosto ressuscitou-o, ficando ele de saúde.

O Rei ficou tão contente que prometeu fazer tudo o que ele pedisse. Ele pediu-lhe para ser feito generalíssimo de Cádiz. O Rei logo lho consentiu.

Foi ele para Cádiz e o general veio, com as tropas recebê-lo. Perguntou ele ao general e à mulher se o conheciam. Depois mandou-os matar a ambos e atirá-los ao mar. Ao Ganilho perguntou-lhe o que ele queria ser. Ele pediu um posto pequeno, mas o homem foi-lhe dizendo que o que ele ia pedindo era pouco e por fim fê-lo generalíssimo, dizendo que ele o tinha merecido.

(D. Antónia)

~*~

[2]

Cada conselho uma moeda

Era uma vez um homem tão pobre e tão cheio de filhos que não viu coisa melhor do que fugir de casa e ir servir. Depois de andar muito chegou a uma casa, onde o tomaram para criado, ajustando-se ele por três moedas. No fim do ano, o criado disse ao amo que tinha acabado o tempo e precisava de ir levar alguma coisa aos filhos.

O amo disse-lhe que sim; mas perguntou-lhe se queria as três moedas, ou se antes queria três conselhos. O criado, depois de reflectir, respondeu que queria os três conselhos.

Disse o amo. O primeiro conselho é que nunca deixes estrada por atalho. O segundo é que não durmas em estalagem, onde houver dono velho e dona nova. O terceiro é que não comas deste bolo, senão depois de chegares a tua casa.

E deu-lhe um bolo.

O homem partiu e no caminho encontrou uns almocreves. Foram conversando, e chegando a um certo sítio, os almocreves tomaram por

um atalho, convidando o homem a fazer o mesmo, para poupar muito caminho. O homem lembrou-se do conselho do amo e respondeu:

- Não; eu cá não deixo estrada por atalho.

Foi andando sem perigo, quando os almocreves se lhe tornaram a juntar, mas muito tristes e desesperados, contando que lhes tinha saído uns ladrões e os tinham roubado.

"Olha o primeiro conselho como foi bom." Disse ele consigo.

Chegou à noite a uma estalagem, mas soube que o estalajadeiro era velho e casado com uma mulher nova. Lembrou-se do conselho do amo, e disse:

- Nada, aqui não fico eu.

Depois de comer saiu e foi deitar-se por baixo dum carro que ficava nas traseiras da estalagem. Passado tempo sentiu vir gente e conheceu que era a estalajadeira e depois um frade. Vieram ambos sentar-se no carro e combinaram ali a morte do estalajadeiro. O homem pôde cortar um bocado do hábito do frade.

Pela manhã, a mulher entrou em grandes alaridos que lhe tinham matado o marido. Acudiu muita gente e a justiça e vendo o homem debaixo do carro prenderam-no. Ele pediu à justiça que fosse com ele ao convento, que lá se descobriria tudo. Foram fazendo juntar a comunidade e ele olhando e espreitando viu o hábito a que faltava o bocado, tirou o bocado do bolso, mostrou como ajuntava e convenceu toda a gente.

E partiu para casa.

A mulher perguntou-lhe o que ele trazia, e ele contou-lhe que em lugar da soldada antes quisera três conselhos, que se tinha dado bem com os dois primeiros, que ia ver se se dava bem com o terceiro, que era só comer o bolo, quando entrasse em casa.

Partiu o bolo e achou-o recheado de peças de ouro.

~*~

[3]

As vozes dos animais

Era uma vez um homem que conseguiu entender as vozes dos animais (não se diz por virtude de quem), com a condição prévia de

morrer, logo que desse a alguém parte de como tinha alcançado esta ciência.

Estando ele ao pé da corte onde havia uns bois, e para onde entrou uma cavalgadura (todos seus), o burro (sic), persuadido que o homem (dono) não o entendia, disse para os bois:

"Vocês é que são felizes. Aí estão a comer essa palha, muito descansados, enquanto eu venho de fora moído da jornada."

"Mas vais-te agora regalar com essa erva - disseram os bois, e descansarás. Nós amanhã cedo, vamos trabalhar todo o dia a lavar."

"Eu cá no vosso lugar arranjava e não ia - tornou o burro."

"Como?"

"Como? Fingia-me doente."

Os bois acharam bom o conselho, e, quando de manhã, o dono veio para os levar para o trabalho, achou-os deitados a fingir de doentes.

O dono, que sabia do conselho do burro, fez-se desentendido, deixou ficar os bois, mas meteu o burro ao arado, obrigando-o a fazer a lavoura.

À volta para a corte, os bois perguntaram ao burro:

"Então, que tal foi o trabalho?"

"Está feito! - disse o burro. Não é muito pesado. Mas tenho uma má nova a dar-vos - continuou ele."

E, à pergunta dos bois, continuou: "É que o amo, vendo que vocês estão doentes, resolveu vendê-los ao magarefe (sic)."

Os bois ficaram muito assustados, prometendo que no dia seguinte se apresentariam sãos, e o dono que ouviu tudo não pôde deixar de desatar a rir.

De facto, no dia seguinte os bois estavam bons para o trabalho.

Mas o homem achou tal graça à hipocrisia do que não pôde conter-se que não contasse o sucedido à mulher.

Daqui veio que a mulher ficou a arder em curiosidade para saber como é que o marido podia conseguir entender as vozes dos animais, e dessa hora em diante não deixava um minuto, dizendo-lhe que ele lhe não tinha amizade nenhuma, pois que lhe não satisfazia uma vontade tão simples. O marido tornava-lhe, que se contasse o seu segredo, morreria infalivelmente. A mulher, porém, teimava sempre, e o homem por fim andava muito triste, porque nem queria arriscar-se a morrer, nem queria ver a mulher a azoiná-lo, e desconfiava de que lhe não tinha amizade.

O cão da casa, que sabia de tudo isto (não se diz como) pôs-se um dia a falar com o galo, julgando que o dono o não ouviria, porque ele estava escondido pelo quer que fosse. O cão disse ao galo como é que o amo andava triste, e a razão porquê. Porque a mulher queria por força saber um segredo, que ele não queria confiar-lhe. (O cão contar-lhe-ia mesmo tudo: - que o amo tinha o dom de entender as vozes dos animais - que ouviu o burro e os bois - que morreria se revelasse o segredo). O galo disse:

"Pois eu tenho quarenta (galinhas) e sei-as ensinar, e ele não sabe ensinar uma! O que eu fazia no seu lugar era dar-lhe com uma moça."

O marido ouviu isto, e, como a mulher continuava a importuná-lo, disse-lhe que ia ceder, mas faria testamento primeiro, porque tinha certeza de morrer. A mulher deixou-o fazer testamento. Ele mandou fazer um jantar grande, declarando que no fim de jantar, se a mulher ainda insistisse, lhe contaria o segredo. No fim do jantar, perguntou-lhe ainda, se queria ainda saber o segredo, apesar de saber que ele ia morrer; e como a mulher respondesse, como sempre que ele não morreria, que dizia aquilo para a enganar - em suma, que teimava sempre na sua, pegou numa moça que tinha escondido e desancou a mulher.

~*~

[4]

História de dois irmãos

(resumo)

São dois irmãos muito pobres. Um resolve-se a correr mundo para ganhar a vida. No caminho anoitece-lhe e vê vir um vulto atrás dele com um discurso diabólico. O vulto pára ao pé dele e pergunta-lhe o [que] anda ali fazendo. O rapaz conta-lhe tudo. O vento [sic] pergunta-lhe ainda:

"E que dizem do vento na tua terra? Não dizem mal?"

O homem, que não queria as más graças do vento, respondeu que não.

"Pois não dizem que deito abaixo árvores, arranco telhados, estrago as sementeiras..."

- Dizem também -continuou o rapaz- que o vento é muito bom para limpar os grãos e para muitas coisas."

O vento ficou lisonjeado e disse:

"Está bem. Aí tens uma toalha. Quando disseres: põe-te mesa - terás para comeres tudo o que quiseres. E esta moca: quando bateres três vezes com ela no chão, pedindo-lhe a roupa que quiseres, ela ta dará. E esta gaita. Quando a tocares, os teus filhos estarão sempre contentes."

O rapaz pegou nos presentes e voltou para casa.

A toalha dava de comer, a moca de vestir, etc. Mas o irmão, com inveja, quis coisas iguais e tomou o mesmo caminho, que o irmão lhe indicou. Não lhe disse ele porém de que modo respondera ao vento, de sorte que quando o vento fez ao segundo irmão as perguntas que tinha feito ao primeiro, aquele concordou em que o vento tinha muito má reputação. Então o vento deu-lhe uma moca e disse-lhe:

"Aqui tens. Quando quiseres alguma coisa, dá com esta moca no chão, e diz: *"moca, faz o teu dever"*. Mas não a mostres a tua mulher, e pede-lhe as coisas quando estiveres só."

O homem voltou para casa, julgando que tinha alcançado tanta fortuna como o irmão, e dizendo à mulher que pedisse o que quisesse, que tudo teria. A mulher pediu-lhe o [que] quer que fosse. O homem foi a um lugar retirado levando a moca e pediu o que queria, dizendo: "moca, faz o teu dever."

A moca começou a andar num sarilho batendo furiosamente o pobre homem.

Foi preciso enterrar a moca para sempre.

~*~

[5]

João Cortição



Era duma vez um rei que tinha uma filha muito bonita. Ao rei morreu-lhe a mulher e disse à filha que queria dormir com ela. A filha disse-lhe que sim se ele lhe desse um vestido com quantas vistas há no mundo, e deu-lho; mas a filha tornou que só dormiria com ele, se lhe desse outro vestido com as cores de quantas rosas há no mundo. O rei mandou fazer o vestido, e a filha pediu-lhe um vestido com quantas estrelas há no céu. O rei mandou-lhe fazer o vestido, e a filha, vendo que não podia ver-se livre do pai, fugiu; meteu-se dentro dum cortiço, enfarruscou muito a cara, e foi oferecer-se para criada na casa dum rei. Perguntaram-lhe o que ela sabia fazer, e ela disse que não sabia fazer nada, só se fosse guardar patos. Disse-lhe então o rei que ficasse para guardar patos, e, como ela ia vestida de rapaz e disse que se chamava João, o rei pôs-lhe o nome de João Cortiço.

Entrou ela a guardar os patos e quando estava só, dizia:

"Pata aqui, pata ali, filha do rei anda por aqui!"

E bumba!(zumba!) matava um pato.

Um dia, o filho do rei, que estava escondido, ouviu tudo, e disse consigo:

"Isto que será?"

E foi dizer à mãe que queria comer alguma coisa feita por João Cortiço.

"Tu não vês que ele anda cheio de porcaria?"

- Não importa, minha mãe, quero comer alguma coisa feita por João Cortiço.

A mãe, vendo que ele não tirava esta ideia da cabeça, foi ter com o João Cortiço e perguntou-lhe se ele sabia fazer alguma coisa de comer. Ele disse que não, que só sabia fazer um caldo.

"Pois *há-des* (sic) fazer um caldo para o príncipe".

O João Cortiço disse que sim, mas que o haviam de deixar fechar-se só na cozinha. Assim foi; mas o filho do rei pôs-se a espreitar para a cozinha e viu que quem fazia o caldo era uma menina muito bonita com um vestido todo de estrelas, porque ela tinha-se vestido com o vestido de estrelas. Ficou o filho do rei todo encantado da menina; tomou o caldo e viu que dentro dele vinha um anel de brilhantes.

Três dias quis que João Cortiço lhe fizesse o caldo, e de todas as vezes vinha nele um anel de brilhantes cada vez mais rico. Outra vez o príncipe foi ao teatro e viu lá a mesma menina com o vestido de

estrelas. Toda a gente admirava para ela, porque ela alumiava tudo com o vestido. O príncipe foi procurá-la aonde ela estava, mas não a viu já. Veio para casa e foi direito ao quarto de João Cortição para descobrir alguma coisa; porém o João Cortição lá estava no seu lugar. Outra vez andava o príncipe a passear no jardim e olhou por acaso para uma janela. Viu lá a mesma menina toda vestida de estrelas, e deitando a correr encontrou-a na janela, e casaram ambos.

~*~

[6]

«.....»

Era uma filha dum rei, que só estava bem quando a estavam a catar. As criadas nunca a satisfaziam e eram despedidas dentro em pouco. Veio uma que era feiticeira e quando estava a catar a filha do rei, meteu-lhe dois alfinetes nos ouvidos. Ela ficou encantada, mas parecia morta; e o rei mandou-a enterrar (na Igreja); mas pôs uma sentinela à Igreja. De noite a filha do rei levantava-se e comia a sentinela. Comeu assim muitos soldados. Mas o rei não desistia de mandar guardar a Igreja. Caiu a sorte sobre um soldado, que ia muito triste, quando encontrou uma mulher que lhe perguntou o que ele tinha. Ele contou-lhe tudo, e ela disse-lhe:

"A filha do rei só se levanta à meia noite. Quando forem 11 horas, vai-te meter debaixo da pia da água benta, e deixa-te aí estar, que ela não te fará nada."

O soldado assim fez. À meia-noite, a filha do rei levantou-se e disse para a sentinela:

"Aparece".

Como porém ele estava debaixo da pia da água benta, não lhe fez mal.

O rei sabendo que o soldado escapara, quis que ele continuasse a fazer sentinela.

Ele tornou a afligir-se, mas encontrou segunda vez a mulher que lhe disse:

"Mete-te debaixo da pedra de ara* (do altar)."

Ele assim fez e escapou segunda vez.

O rei, cada vez mais satisfeito, mandou-o continuar a guardar a Igreja. A mulher apareceu-lhe terceira vez, e disse-lhe que "se metesse debaixo dos ossos dos soldados que a filha do rei tinha devorado". Assim fez.

A filha do rei à meia-noite aproximou-se do monte de ossos, e disse-lhe que podia sair, que lhe não sucederia mal nenhum. Ele saiu e ela disse-lhe que a catasse. O soldado catou-a e encontrou as cabeças dos alfinetes arrancou-os.

A filha do rei ficou desencantada, e o rei sabendo o caso ficou tão contente, que casou a filha com o soldado.

~*~

[7]

História dos sapatos de ferro

Era uma vez um rei que teve um filho, mas tão feio, que a sua pele parecia a pele dum sardão. Quando chegou o tempo de o casar, sempre encontrou uma princesa que o quisesse, por poder vir a ser rainha, mas a princesa vivia muito desgostosa, por causa da fealdade do marido. Depois começou a notar, que quando ele se ia deitar com ela, nunca se deitava primeiro e notou também que não sentia as asperezas que devia ter a pele de sardão, que ele possuía.

Uma noite fez com que ele se deitasse primeiro; deixou-o adormecer, e chegando-se ao pé dele viu que era duma grande formosura. A pele tinha-lhe desaparecido. Foi a um quarto, aonde ele costumava ir sempre antes de se deitar; descobriu lá a pele de sardão, com que ele andava de dia, e queimou-a.

* *Era*, no manuscrito. (Nota do Organizador).

No dia seguinte, quando o marido acordou foi procurar a pele e adivinhando que foi a mulher que lha queimou, disse: - Não sabes o mal que fizeste; nunca mais me verás.

E desapareceu, sem que ela o visse mais. A princesa pôs-se muito triste e foi procurar um sábio (sic), para ver se ele lhe dizia onde encontraria o marido.

- Olha, não o podes encontrar senão depois de romper uns sapatos de ferro. Manda-os fazer, e depois vai àquele monte, onde vive o Sol, que vê tudo, que ele pode dizer-te onde o poderás achar.

A princesa mandou fazer uns sapatos de ferro; subiu o monte com muito trabalho; mas o Sol não estava em casa. Apareceu-lhe a mãe dele, e disse-lhe:

-Olha, se queres espera até à noite, porque o Sol de dia anda sempre a trabalhar para fora e só à noite volta a casa, muito cansado. Talvez ele te diga o que tu queres.

A princesa esperou que o Sol voltasse a casa; mas ele disse-lhe que não tinha visto nada e ajuntou:

- Olha, talvez a Lua, que anda de noite visse alguma coisa. Vai àquele monte, onde ela vive e talvez saibas o que queres.

A princesa subiu ao monte, em que vivia a Lua, com grande trabalho; mas a Lua também não estava em casa. Apareceu-lhe a mãe dela; e disse-lhe:

- Olha, que a Lua não vem para casa se não de madrugada; anda toda a noite e chega muito cansada. Se queres esperar até à madrugada, talvez ela saiba alguma coisa.

A princesa esperou; mas a Lua disse-lhe que não tinha visto nada, e ajuntou:

- Olha, vai àquele monte, onde vive o Vento e pode ser que ele visse alguma coisa.

A princesa subiu o monte com grande trabalho; mas o Vento não estava em casa. Apareceu-lhe a mãe:

-Olha, o Vento não está em casa; anda por fora; umas vezes chega alegre, outras muito zangado; mas se queres esperar que ele talvez te diga alguma coisa.

A princesa esperou que o Vento chegasse; mas ele disse-lhe que não tinha visto nada e ajuntou:

-Olha, vai àquele monte, onde está o Escuro, e pode ser que ele te diga alguma coisa.

A princesa subiu o monte, com grande trabalho, mas sentia uma certa satisfação, por ver que os sapatos de ferro já começavam a romper-se. Apareceu-lhe a mãe do Escuro (todas as coisas têm mãe, replica a narradora, se alguém lhe replicar que a tenha o Escuro) e foi ela mesma que a levou à casa do filho. A princesa perguntou-lhe se tinha visto um príncipe com tais e tais sinais, e o Escuro respondeu que sim; que ele estava hoje no palácio de tal, mas casado com outra princesa. E ajuntou:

-Olha, se queres entrar no palácio e falar com a princesa, leva uma meada de ouro, um fuso de ouro, e uma dobadeira de ouro, que ela há-de querer ver essas coisas e tu tens entrada no palácio.

A rainha* assim o fez e, chegando ao palácio, ia com os sapatos de ferro quase todos rotos. A dona do palácio quis ver a meada de ouro etc., e depois que a rainha teve entrada no palácio, propôs à corte a seguinte adivinha:

-Um homem mandou fazer um baú e perdeu-lhe a chave. Mandou fazer outra; mas passados tempos encontrou a primeira chave. De que chave deve ele usar, da velha ou da nova?

Toda a gente respondeu que deve usar da primeira, e então a rainha, contando a sua história foi reconhecida pelo rei, que ficou a viver com ela, deixando a segunda mulher.

(Ana Leopoldina)

~*~

[8]

História dos sapatos rotos

Era uma vez um Rei que tinha uma filha e não sabia explicar como todos os dias lhe apareciam os sapatos rotos, desde o começo da noite até à madrugada. Propôs o caso a todos os que quisessem resolvê-lo, dando como prémio ao que conseguisse a mão da filha, mas mandando matar os que não o explicassem.

*Sic.



Havia um filho duma mulher muito pobre, que depois de andar por um sítio onde as rãs cantavam, entrou em casa e disse à mãe:

- As rãs, quando me viram, disseram-me - Rei, Rei; que eu hei-de ser Rei, e eu vou ao palácio resolver o caso, que propôs o Rei, porque se o resolvo, ele dá-me a mão da filha, e eu serei Rei.

A mãe tratou de o dissuadir, lembrando-lhe que se arriscava a ser morto, como todos aqueles que fizeram a mesma tentativa. Mas o filho teimou e foi. A mãe deu-lhe um bolo para comer no caminho.

Apresentou-se aos guardas do palácio; mas estes vendo-o com maus modos e mal trajado, não quiseram deixá-lo entrar. O rapaz disse que a ordem era para todos; os guardas mandaram perguntar ao Rei, se deviam deixar entrar um rapaz assim e assim. O Rei respondeu afirmativamente, e o rapaz foi admitido. Consentia-se aos que pretendiam resolver o enigma vigiar a princesa desde o romper da noite até à madrugada, e para isso o rapaz tratou de não a perder de vista. Reparou que ela lhe ofereceu várias coisas apetitosas para comer e beber, mas ele resistiu sempre e fez bem, porque todas aquelas coisas adormeciam as pessoas, que as comiam e bebiam, e por isso elas não podiam saber o que a princesa fazia de noite. O rapaz recusou tudo o que ela lhe oferecia; mas por fim com tão encantadores maneios lhe pediu ela que provasse de certa beberagem, que ele aceitou; mas em vez de a beber, fingiu que sim, mas entornou-a pelo seio abaixo; a princesa julgando que ele realmente tinha provado da beberagem, que o poria a dormir como os outros, não fez mais caso dele; abriu uma porta, apareceu logo um mar, que ela atravessou, depois de calçar os sapatos. O rapaz pôde seguir atrás dela e acompanhou-a sempre, sem que fosse pressentido. Seguiu-a assim até Moirama (sic), aonde ela, logo que chegou, foi ter a um palácio, onde estavam reunidos muitos réis, e onde foi duramente castigada, por ter chegado tarde. A princesa desculpou-se com as contrariedades que tinha tido na sua partida; assistiu depois ao banquete, a que todos se assentaram, e apressou-se a voltar a casa, com receio de que o rapaz (o Sol?) acordasse, antes dela chegar. O rapaz adivinhou-lhe a intenção; pôde passar-lhe adiante; fingiu que estava a dormir, quando ela entrou, e no dia seguinte, quando chegou a ocasião de explicar o caso dos sapatos rotos, ele disse que a princesa tinha rompido os sapatos, por ter feito isto e aquilo, e ela não teve remédio senão confessar tudo, e o Rei de dar-lha em casamento, vindo ele deste modo a ser Rei.

(Ana Leopoldina)

~*~

[9]

História dos Cinco Carvalhos (*Aliás: Castanheiros*)

Era uma vez um homem muito pobre, que tinha cinco filhas e um filho, trabalhava como um mouro para os sustentar, e um dia foi a um monte, onde havia cinco carvalhos, e começando a cavar para arrancar uns raizeiros, que havia ao pé de um deles, ouviu uma voz debaixo do chão, que lhe perguntava o que ele andava ali a fazer. O homem respondeu que andava a ganhar a sua vida, para sustentar-se a ele e a cinco filhas e um filho, que tinha, e então a voz disse-lhe que lhe trouxesse uma das filhas, que receberia em paga riquezas bastantes para viver sem trabalhar.

O homem assim fez. Trouxe uma das filhas ao sítio, onde ouvira a voz e bateu: Trás, Trás!

Falou-lhe a mesma voz, e depois que ele disse que trazia a filha, que a voz pedira, a terra abriu-se; apareceu um homem que a levou lá para o fundo; a terra tornou a fechar-se. Em paga, o homem deu-lhe um grande saco de dinheiro. O pai não deixou de trabalhar e indo procurar raizeiros próximo de outro dos cinco carvalhos, ouviu uma outra voz, fazer-lhe as mesmas perguntas que da primeira vez, ele deu-lhe as mesmas respostas; a voz fez-lhe o mesmo pedido, ele deu-lhe a segunda filha, recebendo em troca outro saco de dinheiro. Repetiu-se o mesmíssimo caso nos três outros carvalhos restantes, de modo que o homem cedeu as suas cinco filhas; mas ficou riquíssimo, ele e o filho que lhe restava.

Os vizinhos, não podendo explicar o desaparecimento das cinco filhas, nem a origem da riqueza do pai, formaram sobre o caso muitos maus juízos, e estas murmurações chegaram aos ouvidos do filho, que um dia se dirigiu à mãe, pedindo que lhe explicasse. A mãe contou-lhe a verdade. O rapaz então pegou em si; foi a um dos carvalhos e bateu: -Trás! Trás!

Uma voz perguntou-lhe lá do fundo o que queria, e ele disse que era irmão da moça que estava lá dentro e desejava vê-la. Ora quem lhe falava era a irmã mesmo. A terra abriu-se; ele entrou; viu tudo aquilo cheio de riquezas, mas a irmã disse-lhe:

O pior é se o rei acorda e dá contigo aqui; mas espera, esconde-te naquele sítio e pode ser que ele te não faça mal.

Quando o rei acordou, perguntou-lhe a mulher o que ele faria a um irmão que ela tinha, se ele a viesse ver.

- Estimaria muito vê-lo.

Então o irmão apareceu, o rei tratou-o muito bem e disse-lhe:

- Vou-te dar um presente. Pega neste chapéu. Quando quiseres que ninguém te veja, põe-no na cabeça, que ninguém te poderá ver.

O rapaz saiu e foi bater ao pé do segundo carvalho.

Os mesmos casos, e o rei desta vez deu-lhe de presente um par de botas.

- Quando quiseres ir seja para onde for, calça estas botas, que irás aonde te apetecer.

Foi bater ao terceiro carvalho, e ali o rei dá-lhe uma espinha de peixe.

- Quando pegares nesta espinha e disseres: valha-me aqui o rei dos peixes, verás os peixes aparecerem e fazerem o que tu ordenares.

Indo ao quarto carvalho, o rei dá-lhe uma unha de leão.

- Quando pegares nesta unha e disseres: valha-me aqui o rei dos leões, há-de aparecer-te um leão, que fará quanto tu lhe mandares.

Finalmente, no quinto carvalho, o rei deu-lhe uma pena de ave e disse-lhe:

- Quando pegares nesta pena e disseres - valha-me aqui o rei das aves, há-de aparecer uma ave que fará o que tu mandares.

O rapaz, vendo-se senhor destas coisas, quis ir ver a Torre da Babilónia, de que muito tinha ouvido falar, e calçando as botas, disse:

- Levai-me à Torre da Babilónia.

Chegou lá num momento, mas disseram-lhe ali que numa sala da torre havia uma princesa encantada, mas pessoa que chegasse ao pé dela nunca mais voltava. O rapaz quis logo ir à sala e disse:

- Botas, levai-me à sala da torre.

E logo as botas o levaram lá. Encontrou uma princesa muito formosa e um velho que dormia no regaço dela. A princesa, vendo-o, disse-lhe:

- Aonde vieste tu, desgraçado?! E contou-lhe como muitos outros ali tinham vindo, sem poder mais sair.

- Logo que o rei acordar, serás devorado.

Contou-lhe mais que ela mesma nunca podia sair dali, porque para isso era preciso que o rei morresse e para ele morrer era preciso uma coisa impossível - que alguém pudesse tirar do fundo do mar um caixão de ferro, que lá havia, onde estava guardada uma pomba, e dentro dela um ovo. Era preciso possuir o ovo e quebrá-lo na testa do rei, porque só assim ele podia morrer.

O rapaz disse que não havia [de ter dúvida?], e, quando viu que o velho ia acordar, pôs na cabeça o chapéu e saiu, sem que ninguém o visse. Foi direito à borda do mar e pegando na espinha de peixe, disse:

- Valha-me aqui o rei dos peixes.

Apareceram logo muitos peixes e ele disse-lhes:

- Quero um caixão de ferro que está no fundo do mar.

Os peixes trouxeram-lhe logo o caixão; mas o caixão não tinha chave, e era tão seguro que não havia forças humanas que o abrissem. O rapaz pegou na unha de leão e disse:

- Valha-me aqui o rei dos leões.

Apareceu logo um grande leão, e ele disse-lhe:

- Quero este caixão aberto.

O leão deitou-lhe as garras e abriu-o logo; mas uma pomba que estava dentro, vendo o caixão aberto, fugiu e pôs-se a voar por esses ares. O rapaz pegou na pena de ave, e disse:

- Valha-me aqui o rei das aves.

Apareceu-lhe logo uma grande ave e ele disse:

- Traz-me aqui aquela pomba.

A ave apanhou-lhe a pomba e trouxe-lha. Então o rapaz tirou-lhe o ovo que ela tinha dentro e tornando à sala da Torre da Babilónia, quebrou o ovo na testa do velho, que morreu, e trazendo a princesa consigo, casou com ela.

(Ana Leopoldina)

~*~

[10]

Conto de «.....» (Fragmentos)

Um soldado fez uma escritura com o diabo, comprometendo-se a entregar-lhe a alma se pudesse haver quanto quisesse. Feito o contrato, o soldado, vendo qualquer coisa que lhe agradasse, não tinha mais que dizer:

- Salta para dentro da minha mochila.

E lá saltava para dentro da mochila quanto ele queria, - galinhas, porcos, tudo. Um dia, indo por um caminho, viu passar um cão e tanto se agradou dele, que o quis haver.

- Salta, cão, para a minha mochila.

Dito e feito; mas desde então, a mochila tornou-se tão avolumada e tão extraordinariamente pesada, que o soldado não podia arrastar-se com aquele peso.

Foi ter com um ferreiro e pediu-lhe para malhar na mochila com toda a força, até a reduzir a um volume menor. O ferreiro malhou, malhou, e chegou a pontos em que lhe parecia que a mochila já não podia pesar muito. Mas o soldado, pondo-a de novo às costas, sentiu-lhe o mesmo peso e desconfiado de que andava ali o diabo, arrastava-se como podia, gritando que levava o diabo na mochila...

(Margarida)

~*~

[11]

Venda da alma ao Diabo

Uma mulher, chamada Maria Eugénia vendeu a alma ao diabo, assinando a escritura com o seu dedo mequinho, como é costume.

Tinha ela um afilhado que também estava no mesmo caso, mas tão arrependido de tal, que só desejava desfazer o contrato. Sabendo isto, a madrinha, a quem o diabo prometeu fazer tudo o que ela pedisse, deu uma carta ao afilhado para a levar a Lucifer (com quem contratara, ela). O afilhado foi ao Inferno. Encontrou um portão de

ferro muito negro; entrou; o chão estava cheio de carvões. Eram as almas dos condenados. Encontrou vários diabos que lhe perguntaram a que vinha, e, ouvida a resposta, encaminharam-no para Lucifer.

Ele leu a carta e disse:

"Está bom; mas não sei quem fez a escritura, vou chamar."

Tocou uma trombeta; reuniram-se muitos diabos, mas todos eles disseram que não tinham feito escritura nenhuma com o rapaz.

Lucifer chamou os que faltavam, por um rol; todos eles declararam o mesmo; mas faltava um: era o diabo manquinho (Vulcano?). Ficou-se concluindo que fora este que comprara a alma do rapaz, quando o diabo manquinho apareceu, Lucifer disse-lhe que era preciso desfazer a escritura; mas o manquinho negou-se; que não; que não a desfazia por modo nenhum. Lucifer ameaçou-o que o metia no poço de Canafim. O manquinho sempre renitente. Quando porém foi ameaçado de ir para a cama que estava preparada para a Maria Eugénia, ficou espavorido e cedeu logo. Era uma cama cheia de espetos a arder.

O afilhado veio contar à madrinha o que se passara e descreveu-lhe a cama que a esperava.

Por meio de orações e penitências, Maria Eugénia pôde salvar-se do Inferno.

(Margarida)

~*~

[12]

«.....»

Uma mãe que tinha inveja duma filha por causa da sua beleza mais se enraivava, porque, quando ia ao espelho perguntava-lhe:

"Qual é mais bonita, eu ou minha filha?"

E o espelho respondia:

"Sua filha."

Resolveu por fim desfazer-se dela e incumbiu uns soldados de a levarem a um monte, onde a matassem, trazendo-lhe para sinal a língua dela. Os criados foram; mas, quando iam para a matar, tiveram pena

dela, e depois de combinarem o meio de poderem enganar a ama, mataram uma cadela, e cortaram-lhe a língua, dizendo à mãe que era a da sua filha. A mãe pôs-se ao espelho e tornou a perguntar:

"Quem é mais bonita, eu ou minha filha?"

O espelho respondeu:

"Sua filha."

-Mas minha filha é morta.

O espelho disse:

"Sua filha não é morta."

Ela teimou na sua e o espelho também e quando lhe perguntava onde ela estava, o espelho calava-se; mas por fim disse-lhe:

"Está no alto dum monte."

A mãe mandou chamar a Velha dos Sapatos^{a)}, para ver se ela lhe descobria a filha, e a velha pôs-se a caminho e tanto andou que a pôde encontrar.

Vivia ela numa caverna onde se encontrava uma malta de salteadores, que a tratavam muito bem, porque vindo um dia de fora e encontrando a caverna muito varrida, a cozinha muito bem arranjada, as camas feitas, ficaram muito admirados. Tinha sido a rapariga que tinha feito tudo aquilo, indo ali ter por acaso, escondendo-se em seguida para ver o que sucedia. Como os ladrões ficassem muito satisfeitos, ela mostrou-se. Todos a queriam; mas o capitão disse que não seria para nenhum e ficaria vivendo entre eles, como irmã.

Assim foi.

Quando a "velha dos sapatos" entrou, ficou ela muito assustada, com a ideia de que se os ladrões entrassem então lhe fariam mal.

A velha disse que se não demorava nada; só queria mostrar-lhe uns sapatos muito lindos, que lhe deviam servir bem, e a rapariga, vendo-os, não resistiu a calçá-los; mas, mal os calçou, ficou como morta.

Os ladrões vieram e vendo-a naquele estado supuseram-na realmente morta e foram levá-la a uma mina, onde a deixaram.

Sucedeu que passou por ali um rei que andava à caça, e dando com ela ficou encantado da sua beleza.

^{a)} A Velha dos Sapatos deve ter alguma história sua, que convém conhecer. A Margarida não a sabe, mas sabe que, quando se fala de alguma mulher enredadeira, se diz : "Aquela é a Velha dos sapatos".

Tornou lá outro dia para a ver segunda vez, e, como a rapariga encantada tinha a cor como de viva, o rei levou-a para o seu palácio e tinha-a fechada num quarto, tornando-se muito triste por ver morta uma menina tão linda.

Uma irmã do rei desconfiou de o ver no quarto da morta, que de resto estava sempre fechado; pôde lá entrar, e vendo-lhe os bonitos sapatos, tirou-lhe um. A menina deu sinais de vida. Tirou-lhe o outro. Ela sentou-se. Mas a irmã do rei tornou a meter-lhe os sapatos nos pés, obrigando-a a retomar o estado anterior, e indo ter com o irmão disse-lhe que sabia porque ele andava triste e o meio de o fazer alegre e feliz, e para o convencer levou-o ao quarto da encantada, que deixou de o ficar desde que lhe tiraram os sapatos.

O rei cheio de alegria, casou com ela, e vitória! vitória acabou-se a história.

(Margarida)

~*~

[13]

«.....»

Uma vez um mercador rico tinha uma filha muito bonita que morria por viajar. Tanto teimou com o pai para que a deixasse correr mundo, que ele já não achou outra objecção senão dizer-lhe que uma mulher não podia viajar só. Ela removeu a dificuldade, declarando que iria vestida de homem, e o pai por fim deu-lhe licença, e como tinha um navio a partir deu-lho também com tudo o que ele continha. Dentro de pouco tempo a rapariga tinha gasto tudo e vendo-se reduzida à pobreza, foi ter a casa dum rei, a ver se ali achava serviço.

Admitiram-na para esfregar panelas, e como vissem o seu zelo, deram-lhe em seguida o emprego do galinheiro.

Ora a rainha viu o galinheiro; começou a gostar dele, a provocá-lo, chegando a escrever-lhe, mas como não fosse correspondida, acabou por odiá-lo e tratar de o perder. Um dia chegou-se ao rei e disse-lhe:

"O galinheiro gabou-se que era capaz de ir buscar ao meio do mar a nossa filha que lá está encantada."

O rei chamou o galinheiro, e disse-lhe que havia de ir buscar a filha, que estava encantada no meio do mar, visto ter-se gabado de o poder fazer.

Ele protestou e tornou a protestar que não tinha dito tal coisa; mas o rei mandou-o meter na cadeia, dando-lhe três dias para se resolver a desencantar a filha, sendo enforcado, se o não fizesse.

Foi o galinheiro para a cadeia e aí foi visitá-lo um velho, a quem ele costumava dar de comer e que depois de lhe ouvir contar as suas desgraças, lhe disse:

"Não te aflijas. Diz ao rei que vais; mas que te há-de dar três pães bentos e o cavalo branco da rainha. Pega nesta vara, e vai andando até um sítio onde há-de encontrar um penedo à beira do mar. Toca-o com a vara e ele há-de abrir-se. Há-de aparecer-te o mar, mas tocando-o com a vara, ele há-de abrir-se diante de ti, até chegares a um palácio que está no meio do mar. No portão há-de encontrar uma serpente com umas poucas de chaves na boca. Tira-lhas, porque ela estará a dormir; e, se acordar, quando lhe tirares as chaves, lança-lhe os pães bentos, que ela vai atrás deles, e tu podes então correr o palácio e ir ao quarto da filha do rei, que é o terceiro, e que podes abrir com uma das chaves. Foge com ela, que virás pelo caminho igual ao por onde foste, tocando o mar com a vara."

O galinheiro mandou dizer que estava pronto a ir desencantar-lhe a filha com a condição de ele lhe dar os três pães bentos e o cavalo branco da rainha, e assim que os recebeu, partiu. Sucedeu tudo como lhe tinha previsto o velho. Chegando ao penedo, deu-lhe com a vara e o penedo abriu-se; apareceu-lhe o mar, mas tocando-o com a vara, o mar afastou-se dando-lhe caminho, e assim chegou a um palácio. À porta estava uma serpente com umas chaves na boca. A serpente estava a dormir; acordou, quando ele lhe tirou as chaves, mas lançando-lhe os pães bentos, ela foi atrás dos pães, e ele foi ao terceiro quarto, onde estava a filha do rei e fugiu com ela.

Todos os príncipes encantados que ali estavam e que não queriam ficar sem aquela companheira, correram atrás dele; mas, como ele tocando com a vara no mar abria caminho, que se fechava logo que ele passava, não puderam ir longe e o galinheiro, chegando a terra, através do penedo que se abriu, tocado pela vara, montou com a filha do rei no cavalo branco da rainha e veio entregá-la aos pais.

A princesa desencantada ao sair do Palácio do mar, tinha dito "ai! delas!", e ao entrar no de [seus] pais: "ai! que dirão?"; mas depois nunca mais falou e o pai vivia muito desgostoso por isso.

A rainha, sempre com a ideia de perder o galinheiro, tornou a intrigá-lo contando ao marido que ele se gabava de fazer falar a princesa. O rei chamou-o, obrigando-o a cumprir o seu dito; mas sucedeu como da primeira vez. Por mais que declarasse que nada tinha dito, o rei não o acreditava, e, como ele insistia, mandou-o para a cadeia, dando-lhe três dias para fazer falar a princesa, senão morreria.

O velho foi ter com ele à cadeia, e disse-lhe que não tivesse susto, porque a princesa havia de falar. Que tirasse só por condição ao rei, que juntasse todo o povo debaixo da janela, onde havia de aparecer a filha do rei, para que todos a ouvissem falar, e lhe perguntasse então o que queriam dizer as palavras que ela tinha soltado ao sair do palácio encantado e ao chegar ao do pai.

Assim foi.

Quando todo o povo se reuniu debaixo da janela, onde apareceu a princesa, perguntou-lhe o galinheiro:

"Por que disseste ao sair do palácio do mar «ai delas»?"

E a filha do rei respondeu:

"Porque em cima do cavalo vinham duas donzelas."

-E ao chegar a este palácio, por que disseste: "ai! que dirão?"

"Porque se tu não fosses donzela, meu pai seria um cabrão".

E mais nada.

(Margarida -Ouvia-a ao marido, que a traz do Rio de Janeiro, mas parece fora de dúvida que é conhecida em Portugal.)

~*~

[14]

O conto de Midas

Havia um rei que não tinha filhos. Mandou chamar uma Fada e esta prometeu-lhe que havia de ter um filho. Assim sucedeu; mas a criança tinha orelhas de burro. O pai trazia-lhe a cabeça sempre coberta com um barrete; mas sendo preciso por fim cortar o cabelo à criança, o rei mandou chamar um barbeiro, ameaçando-o com a pena de morte, se revelasse o segredo que ia presenciar.

O barbeiro guardou segredo por algum tempo, mas sentiu que rebentava, se o não comunicasse a alguém. Foi confessar-se e contou ao padre a sua tentação. O padre aconselhou-o a fazer um buraco na terra e a contar ao buraco o que queria desembuchar. Assim fez o barbeiro. Tornou a tapar o buraco, mas dali brotaram umas canas, que começaram a dizer que o príncipe tinha orelhas de burro.

O rei sabendo-o e na certeza de que só o barbeiro conhecia o segredo, mandou-o matar.

(Irmã da Gracia)

~*~

[15]

A dança dos diabos.

Uma noite um homem ia por um descampado e encontrou uns poucos de sujeitos a dançar. Meteu-se no rancho e começou a dançar também. Sentia-se já estafado da dança que se prolongava de mais; mas por mais que quisesse não podia parar. Só quando os companheiros pararam, é que pôde livrar-se daquele martírio. O homem era corcunda.

"Que paga havemos nós de dar a este companheiro?" - perguntou um dos dançadores aos outros.

-Tiremos-lhe a corcunda - responderam eles.

E a corcunda desapareceu logo das costas do homem.

Um amigo do feliz operado, e corcunda como ele, vendo-o sem o defeito, perguntou-lhe como tinha arranjado aquele boa fortuna e, como ele lhe contasse tudo o que lhe sucedera, procurou uma noite o descampado; lá encontrou os dançadores; dançou, dançou, parou quando os companheiros pararam.

"Que paga havemos de dar a este?" - perguntou um dos dançadores.

- Damos-lhe a corcunda que o outro deixou.

E o pobre homem ficou com duas corcundas. Os dançadores eram os diabos.

(Irmã da Gracia)

~*~

[16]

Laço de prata

Uma mulher preta foi à fonte, e, vendo reflectida na água uma formosa mulher, que julgou ser o seu retrato, quebrou o cântaro, dizendo:

"Menina tão linda vai à água! quebra cantarinha."

Ora o rosto da mulher reflectido na água era o de uma princesa, que estava para casar, e vivia numa árvore próxima da fonte. Três vezes veio à água à fonte e três vezes quebrou a cantarinha, sempre pelos mesmos motivos; mas à terceira vez, a princesa não pôde conter-se e soltou uma risada. A preta descobriu então a princesa e conseguiu que ela descesse da árvore, para a preta a catar (sic). Esta operação provocou-lhe o sono, e então a preta meteu-lhe um alfinete de 5 réis num ouvido; a princesa ficou metade pomba; meteu-lhe outro alfinete noutro ouvido, a princesa ficou toda pomba e largou a voar, enquanto que a preta foi ocupar na árvore a posição que ela havia deixado.

No dia seguinte vieram buscar a princesa para o palácio do noivo. Este estranhou vê-la com aquela cor; mas a preta respondeu que fora o secular (sic) do tempo que a pusera assim.

O príncipe vivia desgostoso, e nesse tempo veio o jardineiro dizer-lhe que tinha visto no jardim uma pomba que lhe perguntava:

"Hortelão da hortelaria, como se dá o rei com a sua preta Maria?"

- Dá-se bem e passa boa vida.

"Ai de mim, que vivo por aqui perdida."

O príncipe disse ao hortelão que armasse um laço à pomba, a ver se a apanhava. O hortelão assim o fez, armando-lhe um laço de corda. A pomba veio, fez a mesma pergunta e olhando para o laço, disse:

"Laço de corda não prende meu pé."

E fugiu.

O hortelão contou ao rei o que passara.

"Arma-lhe um laço de prata."

A pomba veio; fez a pergunta, olhou o laço, dizendo:

"Laço de prata não prende meu pé."

O hortelão veio de novo contar o sucedido.

"Arma-lhe um laço de ouro."

Desta vez a pomba caiu no laço, e foi levada ao rei. Este pôs-se a afagar-lhe a cabeça, e sentindo uma das cabeças dos alfinetes, arrancou-lho. A pomba ficou meia mulher. Tirou-lhe o outro e a princesa, voltando à sua primitiva forma, contou-lhe o que se passara.

"Que queres tu que se faça à preta? perguntou o rei.

(Para averiguar)

~*~

[17]

Bruxas mortas

Eram dois rapazes, cada um dos quais namorava a sua rapariga, e, como elas eram irmãs e viviam na mesma casa, os rapazes iam sempre de companhia. Repararam em que as conversadas achavam desculpa para lhes não falar às terças e sextas-feiras, e para descobrir o segredo, na primeira terça-feira puderam subir ao telhado da casa e pelas fendas das telhas ver o que se passava dentro.

A certa hora da noite, elas lavaram-se e começaram a comer umas papas, quando entrou um carneiro (era o diabo) a balar "mé".

"Deixemos as papas arrefecer que temos tempo de ir ao Rio de Janeiro e vir a tempo."

E, suposto a porta estivesse fechada à chave, elas e o diabo desapareceram pela fechadura. Os rapazes desceram; deitaram nas papas uma pouca da água em que elas se tinham lavado, e que por

causa dos unguentos, com que primeiro se untaram era envenenada, e voltaram para o seu ponto de observação.

Passado tempo não muito, as duas bruxas estavam de volta com uma criança de poucos anos.

Consultaram se haviam de comer a criança antes ou depois das papas, e decidiram em comer as papas primeiro. Mas, comidas as papas, caíram para o lado mortas.

Soube-se que a criança tinha sido roubada no Rio de Janeiro; porque faltando da casa, os pais procuraram por toda a parte, e combinadas as notícias do que se passou em Portugal vieram dar com ela, mas tantos anos depois que um dos rapazes, que tomou conta dela estava em vésperas de a desposar. O pai deu-lha com um grande dote.

~*~

[18]

O cuco, o mocho e a poupa.

O cuco era casado com a poupa. Pediu um dia ao mocho, que era vendeiro, um carro de milho, e o cuco prometeu-lho, com a condição de que lhe dormiria com a mulher, a poupa. Aceitou o cuco; mas, quando o mocho lhe mandou o carro de milho, o cuco ficou-lhe com o milho, o carro e os bois; pelo que o mocho lhe pôs uma demanda.

O cuco pôs-lhe outra por adultério, e venceu, sendo o mocho condenado a percorrer as ruas, levando os pontapés que ao ofendido aprovesse dar-lhe.

A procissão levava esta ordem. Na frente ia um criado do mocho chamado Domingos, por abreviatura Mingos; seguia o mocho, atrás o cuco e no couce a poupa.

O cuco a cada pontapé dizia:

"No cu."

O mocho, ao levar o pontapé choramingava:

"Mingos!"

Atrás a poupa ia dizendo:

"Por tão pouca cousa!"

~*~

[19]

O cabelo encaracolado.

Houve um homem que tomou o diabo para criado - coisa corrente: ajustam-se em certas feiras. O diabo fazia todos os serviços num pronto, o que não agradava muito à mulher do amo, que estava quase sempre com aquela sentinela à vista. Para o [aperrear] deu-lhe um dia por tarefa desencaracolar um cabelo das partes pudendas e o diabo viu-se parvo para dar conta do recado. Deu-lhe depois outro e o diabo aborreceu-se tanto com a tarefa que lhe perguntou se ainda tinha muitos cabelos para desencaracolar. A mulher levantou a saia e mostrou-lhe a sua mata. O diabo largou a fugir, que era o que ela queria.

(Gracia)

~*~

[20]

Chuva-Sol.

S. Pedro estranhou um dia ao Senhor que não atendesse as preces dos homens, quando lhe pediam sol ou chuva.

"Eu deixo-te governar para o ano que vem - disse-lhe o Senhor - e tu verás."

Assim foi. S. Pedro ficou a governar, chegado o ano.

Pediam-lhe chuva, dava chuva; pediam-lhe sol, dava sol; mas era tal a gritaria dos que ficavam prejudicados, que S. Pedro desenganou-se depressa de que não podia fazer a vontade aos homens.

(Margarida)

~*~

[21]

A guerra dos grandes e pequenos.

O rei dos grandes era o leão; o rei dos pequenos o grilo. O leão mandou a raposa atacar os pequenos, mas o grilo soltou-lhe um enxame de vespas, das quais a raposa não pôde livrar-se se não metendo-se numa poça de água.

Foi depois dar parte ao leão de como não podia lutar com o inimigo e o leão resolveu-se a ir ele mesmo. Mas o grilo soltou-lhe um enxame de vespões (besouros, sic) e o leão, vendo que não tinha partido com eles, fugia desesperadamente.

"Metete-te na poça, que eu já lá estive" - gritava-lhe a raposa, que presenciava de longe o espectáculo.

(Margarida)

~*~

[22]

A caveira a rir.

Uma noite ia o aldeão por ao pé do adro da Igreja, quando viu uma caveira. O homem, que era destemido disse para ela que lhe não tinha medo.

"Pois, se me não tens medo, leva-me para tua casa - retrocou a caveira."

"Levo, levo."

O homem levou a caveira para casa e pô-la sobre a cornija do forno. Por mais que a mulher lhe pedisse que tirasse dali a caveira, o marido não se demovia, respondendo que lhe não bulisse.

A mulher andava transida de medo, e para ver se se livrava das coisas más que a caveira podia trazer com ela, fez grandes defumadouros com alecrim em toda a cozinha, mas no meio desta operação ouviu a caveira a rir às gargalhadas.

"Porque te estás tu a rir? - perguntou a mulher."

"É porque quando começaste a queimar o alecrim eram tantos os diabos pela porta da cozinha fora, que eu não pude deixar de rir da figura que eles faziam. Mas eu ainda cá fico."

(Margarida)

~*~

[23]

Por baixo de silvais

Era um moço que conversava uma de três irmãs. Todas elas tinham fama de bruxas. O moço foi uma noite falar com a conversada, mas esta pediu-lhe que se fosse embora, porque naquela noite ela e as irmãs tinham que fazer. O rapaz pediu e insistiu que o deixassem ir com elas, e por fim a conversada cedeu, depois de obter dele a promessa de que não revelaria nada do que visse. Foi preciso ungi-lo com certos unguentos, posto o que o moço tinha de dizer:

"Por cima de silvais e por baixo de carvalhais."

Mas no momento certo, o rapaz enleou-se e trocou a fórmula; e viu-se levado num voo rápido por baixo de silvais e por cima de carvalhais, aparecendo de madrugada, moído e pisado, mais morto que vivo.

(Irmã da Gracia)

~*~

[24]

Março, Marçagão.

Uma mulher que não tinha fiado nada todo o ano e querendo enganar o marido ia para o rio lavar umas esteiras em vez de meadas, e quando o marido lhe perguntava porque não curava as meadas perto de casa, ela respondia que ao pé do rio havia mais sol e melhor sítio onde as curar.

O marido desconfiado foi espreitar e dando pelo logro, quando chegou o março, disfarçou-se em março (não se especifica como), e surpreendendo a mulher ainda a curar as esteiras, entrou à pancada a ela, gritando:

"Março, marçagão, cura meadas, esteiras não."

A mulher nunca mais deixou de fiar as meadas a tempo.

(Margarida)

~*~

[25]

História do S. Romão da Citânia

Antes de ser santo, Romão convidou uma mulher para fins desonestos e foram para o monte. Procuraram um sítio escuro, mas a mulher não achava nenhum bom; dizia: "Aqui vêem-nos" - e subiram assim até à coroa do monte. A mulher não teve que dizer, mas Romão disse por sua vez:

"Aqui não, que nos vê Deus."

Mas ele pousou a cabeça no regaço da mulher; esta começou a catá-lo e, encontrando um piolho, matou-o. No mesmo momento morreu Romão.

A mulher desceu do monte sem contar nada do sucedido; mas, passando-se três anos sem chover e sabendo a mulher que o povo queria ir ao alto do monte (não se diz com que fim), contou tudo, e ela mesmo foi mostrar ao povo o sítio, onde Romão morreria. Acharam-no inteiro (como S. Torcato), e eis, porque o povo, quando quer chuva, vai levar ainda ao alto à estátua do Santo.

O santo de carne foi para qualquer parte.

(Duma velha Senhora de Briteiros)

~*~

História de S. Romão

(aditamento)

Não choveu três anos. Enquanto o povo se lamentava, a mulher cantava:

"Quem quiser chuva na terra
Vá por S. Romão à Serra."

Um padre, que a mulher servia num tempo, tantas vezes lhe ouviu dizer isto, que lhe pediu explicações. Ela contou-lhe o que sucedera, e, como o padre lhe pediu que ela lhe mostrasse o sítio, onde morrera Romão, ela respondeu assustada que não ia: mas que seguisse ele a cadela que ela tinha, porque ela passava todo o tempo a guardar o corpo de Romão e só vinha a casa para comer. O padre assim fez, e foi dar com o corpo inteiro, embrulhada a cabeça no avental, com que a mulher o cobrira. O corpo foi trazido da serra, e começou então a chover. Hoje está em Coimbra.

[26]

História de soldado.

Um soldado ia por um caminho e o Senhor, acompanhado por S. Pedro, vendo que o soldado levava um pão, disse a Pedro que lhe pedisse um bocado. O soldado partiu o pão a meio, e deu metade aos pedintes. Encontraram-se noutra parte, e, como o soldado mostrasse que os não reconhecia e o Senhor visse que ele ainda lavava o meio pão, tornou a dizer a Pedro que lhe pedisse um bocado. O soldado partiu a metade pelo meio e deu-lha, dizendo:

"Deixa-me comer este bocado, se não fico sem nenhum. Ainda há pouco parti o pão, para dar metade a outros pobres."

O Senhor disse então ao soldado:

"Pede o que quiseres."

O soldado, que era um desenfreado jogador, disse-lhe que queria ganhar sempre, e poder ir aonde atirasse o chapéu."

Daí por diante, sempre que jogava, ganhava. Encheu-se de ganhar; mas morreu e foi para o inferno. Aí o vício não o largou. Jogava com os diabos e ganhava sempre. Já eles não tinham que jogar e propuseram-lhe para jogar uns carvões, que lhe mostraram. Eram as almas dos condenados.

O soldado ganhou os carvões, pegou neles e foi bater à porta do Céu. S. Pedro reconheceu-o e foi dizer ao Senhor que estava ali o soldado; mas no entanto o soldado tinha atirado os carvões para dentro da porta e assim lá ficaram as almas dos condenados. S. Pedro voltou com a resposta do Senhor, que era dizer-lhe que não podia entrar; mas o soldado atirou com o chapéu pela porta dentro, e como o Senhor lhe prometera que ele podia ir aonde atirasse o chapéu, lá ficou também no Céu.

(Custódia, velha de Santa Cristina)

[27]

O padrinho exacto.

Um [vilão] teve um filho e quis para padrinho dele um personagem que fosse exacto o mais possível. Pôs-se à procura dele e encontrou o Senhor.

-Tu que procuras?

-Procuro um padrinho para um filho que tive, mas quero-o o mais exacto que possa ser.

-Aqui estou eu.

-Tu? não. Tu salvas uns e deixas perder outros.

Mais adiante encontrou o Diabo, que lhe fez a mesma pergunta e depois da resposta do homem, o mesmo oferecimento.

Tu? não. Tu perdes uns e deixas salvar outros.

Ainda mais adiante encontrou a Morte. A mesma pergunta; a mesma resposta; o mesmo oferecimento.

-Tu, sim és o padrinho mais exacto que eu podia achar, porque és sempre a mesma para toda a gente.

A Morte disse-lhe então:

-Pois, por me escolheres para compadre, vou dar-te um conselho que te encherá de dinheiro. Faz-te médico; e, quando fores ver um doente, se me vires à cabeceira da cama dele, declara logo que a doente não tem cura; se me vires aos pés da cama, vem para casa, receita umas ervas, e, como o doente tem de escapar toda a gente dirá que foste tu que o salvaste e tens a fortuna feita.

O homem assim o fez, e encheu-se de dinheiro; mas uma vez foi ver um homem muito rico, que não largava uma saca de riquezas, com que dormia, e na persuasão de que com as suas receitas lha podia apanhar, cuidou poder enganar a própria Morte, que estava à cabeceira do enfermo, ordenando que lhe virassem a cabeça para os pés da cama.

A Morte acudiu então e disse-lhe:

-Eu não te assegurei que era mais exacta que ninguém?

E levou os dois, doente e médico.

(Margarida)

~*~

[28]

Lume novo afugenta as almas.

Na casa duma viúva via-se todas as noites, à ceia, uma borboleta branca andar a apanhar as migalhas que caíam da mesa. Desconfiou-se que aquilo era alma, e bem que a borboleta fosse branca e não preta, portanto uma alma ainda não perdida, fez-se lume novo da canhota do Natal na certeza de que, se fosse alma, não apareceria mais. De facto a borboleta nunca mais apareceu depois; mas a alma fez-se ouvir à viúva -era a do marido- dizendo-lhe que não podia entrar no Céu, por não ter dado nunca, depois das comidas, "graças a Deus", e que só lá entraria, se um dos filhos que deixou as desse, sem ser industriado para isso. À ceia, a viúva perguntou aos filhos seguidamente se tinham comido bem; eles respondiam que sim e mais nada; mas chegando ao último, que era o mais novo, respondeu "que sim, graças a Deus." E a alma salvou-se.

(Margarida)

~*~

[29]

Galo preto. Caveira.

Dois rapazes, vindo da tuna passaram por um adro, e um deles, vendo ali uma caveira, deu-lhe com o pau que levava. O companheiro estranhou-lhe o sacrilégio.

"Ah! Tu tens medo? Pois eu não tenho nenhum. Até a convidado para ir amanhã cear comigo."

Na noite seguinte o rapaz foi cear fora, mas à hora da ceia a gente da casa ouviu bater à porta. Uma criada que foi abrir deu de cara com um medonho fantasma, que lhe disse:

"Teu amo convidou-me ontem para vir cear com ele e eu vim. Diz-lhe que o convidado também para ir amanhã cear comigo."

O rapaz voltando a casa soube o que se passara; ficou mais morto que vivo e foi consultar um padre para saber o que havia de fazer.

"Olhe, eu não sei; mas vá ter com o Padre de tal, que ele é entendido nessas coisas."

O rapaz foi procurar o padre indicado. que lhe disse:

"Faça o que lhe vou ensinar, e não tenha medo. Não tem remédio senão ir e vá antes da meia-noite. Pode levar alguns companheiros, mas não os deixe entrar no adro (cemitério); entre você só. Faça no chão um sino-saimão; meta-se dentro dele, antes de dar a meia-noite. Há-de levar um galo preto, e quando o fantasma aparecer, atire-lhe com ele; porque o que ele quer é um folego vivo".

O rapaz assim fez e escapou de perigo.

(Ana Leopoldina)

~*~

[30]

Caveira à mesa.

Uma variante da história contada atrás é a seguinte:

O homem que convida a caveira do adro estava em casa na noite seguinte, quando lhe bateram à porta à hora da ceia. Foi uma criada ver quem era; não viu ninguém, mas ouviu uma voz dizer que fosse avisar o amo de que estava ali a passar quem ele convidara na véspera. A criada assim fez, notando que ouviu o recado, sem ver pessoa alguma e o amo disse-lhe que a mandasse entrar. Entrou então a caveira pela escada acima e foi sentar-se com o homem à mesa. O homem estarelecido nada comeu; mas a caveira (esqueleto? fala-se só em caveira) comeu bem, e no fim convidou-o por sua vez para ir cear com ela ao cemitério à meia-noite do dia seguinte. O resto, como na outra história.

~*~

[31]

Senhora que foge.

A Senhora da matriz do Marco (margem direita do Tâmega) esteve primeiro no fundo do rio num palácio de vidro, que alguns [crendeiros] ainda dizem ter visto às vezes no fundo das águas. Apareceu, não se sabe como, e quiseram metê-la na capela x; mas ela fugia dali e vinha aparecer em cima dum pinheiro. Três vezes a levaram para a capela e três vezes fugiu para o pinheiro. Até que se entendeu que era naquele lugar que ela queria ficar, e ali se lhe fez a igreja (matriz).

(João de Vasconcelos - 12/11/89)

~*~

[32]

A alma enquanto se dorme.

Andavam dois pedreiros no conserto de uma levada, e nas horas de descanso um deles adormeceu. O outro não, e reparou que quando

o companheiro pegou no sono um pequeno sardão lhe saiu pela boca fora. Como o facto não tivesse importância em relação ao dormente, visto que o bicho saía, o pedreiro deixou correr as coisas, mas teve curiosidade de ver o que faria o sardão. Seguiu ele para o lado do rio, atravessou nuns alpendres que levavam para a outra margem, mas, parando aqui, assustando-se ao pé dos moinhos, e também quando se aproximava da água; mas lá foi andando o seu caminho, voltando depois pelos alpendres e vindo enfim meter-se na boca do dormente. Mal entrou, este acordou e contou ao companheiro que tinha tido um sonho muito aflitivo. O que ele sonhara era precisamente o que poderia sentir o sardão no seu passeio -medo de cair ao moinho, da pontezela abaixo etc. Em suma: - quando a gente dorme a alma sai-lhe do corpo e corre certas peripécias que atormentam ou deliciam o corpo, consoante são agradáveis ou desagradáveis.

(Margarida)

N.B.: Já tinha ouvido contar esta mesma historieta, mas com menos episódios. O homem via [aparecer?] um sardão todo atarefado em passar um regato de água. O dormente era trabalhado por um sonho aflitivo. Quando o sardão conseguia atravessar e meter-se-lhe na boca, a.... e conta ao observador que sonhara que estava a cair à água.

~*~

[33]

Senhora aparecida (Carvoeiro - Cassourado)

Na minha volta da Póvoa a Guimarães (10.10.98), tivemos por companheiros no comboio um *brasileiro* que ia para Vizela com a mãe - uma mulher de perto de 60 anos, carregada de ouro, mas com trajes de aldeã, que nos disse ser natural de Cassourado. Aproveitei a ocasião de colher algumas notícias sobre a capela da Aparecida, e eis aqui o que pude apanhar.

A Senhora apareceu entre os dois penedos, cobertos hoje pelo telhado da capela, mas antes de se descobrir a estátua que ela não sabe ao certo se era de madeira, se de gesso (pedra de Ançã) aparecia sob a forma de uma mulher a um rapazinho, chamado João, muito pobre, que para ali gemia às vezes com fome.

"Tu que queres, João?" - perguntava ela.

"Quero pão."

"Pois vai ao pai que te dê pão."

O rapaz foi a casa pedir pão ao pai; este respondeu que o não tinha, e o pequeno veio de novo chorar para o pé dos penedos.

"Tu que tens, João?" - tornava a Senhora.

"Tenho fome."

"Vai ao pai que te dê pão."

"Já fui; o pai não tem pão."

"Que vá ao forno e lá o há-de encontrar."

O rapaz tornou a casa, contou ao pai o que lhe dissera a mulher desconhecida; o pai foi ver o forno e encontrou-o cheio de pão.

O milagre deu o brado que se imagina. A Senhora falou ainda, não se sabe bem a quem, dizendo que queria que lhe fizessem um mosteiro. A primeira coisa que se lhe fez foi a capela, onde estão os dois penedos, e onde a sua estátua apareceu. O intervalo entre os dois penedos não chega a dois palmos. É preciso ir de esguelha para o atravessar. Quem o atravessa fica livre das dores de cabeça, se as tem; mas, se tem grande pecado, não pode passar o estreito. Pareceu-me porém que a mulher dava esta última notícia, sem acreditar muito na sua veracidade. O mosteiro, a igreja grande, em frente da capela antiga, foi feita depois. [trapalhou] que o rapaz, quando a Senhora ordenou que lhe fizessem o mosteiro, foi procurar o pai, que trabalhava de pedreiro na ponte de Barcelos; aí caiu ao rio, salvando-se por milagre. A abertura dos penedos dá para as duas partes laterais da capela antiga, como já me tinham dito, de modo que o operando entra por uma porta e sai por outra.

~*~

[34]

Cobras testemunhas.

Um rapaz perseguia uma rapariga, mas esta não cedia sem que ele lhe promettesse casamento diante de duas testemunhas. O rapaz, como a conversada lhe dissera que lhe bastava que as testemunhas fossem duas cobras, riu-se, e prometeu que jurava diante delas e tanto mais facilmente sabia onde elas andavam.

Foram ao sítio, onde andavam as cobras; o rapaz jurou, mas daí a tempos abandonou a moça e ia casar com outra. A amante desprezada saiu-lhe com impedimentos na igreja, afirmando que tinha duas testemunhas que viriam jurar que o rapaz lhe prometera casamento. Replicou este que chamasse as testemunhas, na certeza de que só jurara diante das cobras. A rapariga então chama:

Vinde cobras minhas testemunhas

O Sol vos manda vir, a Lua vos vai^a) falar

Para me valerdes neste lugar

As cobras entraram pela igreja dentro; cada uma delas se vai enroscar nas pernas do prejuízo e só o largam, quando ele se prontifica a casar com a primeira amante, deixando a segunda.

(Margarida)

~*~

[35]

Pojos (contra o Diabo).

Uma mulher, a quem morreu o marido, esbagoou (chorou) muito e parecia inconsolável, quando, passado tempo, mudou de repente, tornando-se satisfeita como dantes. A mudança causou estranheza; e, perguntando uma amiga a razão deste mistério, teve em resposta a

a) Objecto à narradora que as palavras não devem ser assim. Ela mesma parecia indecisa, mas ficou de averiguar a verdade.

A averiguação deu a emenda: -vos via mandar falar; mas com grandes *probabilidades*: "vos manda falar".



casadesarmiento

centro de estudos do património

confidência de que estava satisfeita, como dantes, porque todas as noites falava com o marido.

Tornou-lhe a amiga que o pretendido marido não era senão o diabo, e, se ela quisesse desenganar-se, não tinha mais do que pôr três folhas de pojos na porta, por onde ele costumava entrar, porque sendo o diabo, não entrava.

A mulher assim fez e à noite, quando o suposto marido chamou da rua, veio abrir-lhe a porta; mas ele disse-lhe que tirasse o que tinha posto na porta; - que não; que entrasse.

O vulto deu um estouro e desapareceu pelos ares fora.

(Margarida)

~*~

[36]

«.....»

A *estrela do norte* perguntou ao vento quem o podia mandar, que lhe queria pedir um favor. Responde o vento:

"Vai à Lua, que ela diz-to."

A estrela foi à Lua e esta respondeu-lhe:

"Vai ao meu irmão Sol, que ele é que tu pode fazer."

(A lenda é muito mais comprida, mas a mulher de Balazar, que a contou, só sabia este fragmento, e prometendo informar-se do vento, não apareceu)

(Margarida)

~*~

[37]

O homem dourado.

Uma rapariga disse que só casaria com um homem dourado. Um dia deu-lhe o pai a notícia de andar um homem dourado (botas douradas, chapéu dourado, etc. -o diabo sempre de botas - observação da narradora) na romaria, feira, ou onde quer que estavam; a rapariga quis vê-lo, e daí a pouco casaram. Era o diabo. Levou-a para o Inferno e aí mostrou-lhe três camas, dizendo ser uma reservada para o pai, outra para a mãe, outra para a madrinha da moça, acrescentou que ia já partir, porque a madrinha estava a morrer; que os outros diabos já estavam com ela às voltas, mas nada podiam fazer sem ele chegar. Ela pediu para o acompanhar, o que ele recusou, mas acrescentando que a madrinha escapava se soubesse certa oração, que, a instâncias da mulher, lhe recitou, acabando por fim por consentir que ela o acompanhasse. A rapariga pôde ensinar a oração à madrinha, e os diabos deram um estouro e fugiram. A oração é:

Entrego a minha alma a Deus Padre
e à Virgem Madre
e a S. Simão e a S. Cidrão
e à santa vera Cruz
que a bandeira de Jesus
nos livre dos diabos
nascidos e por nascer
baptizados e não baptizados
que nos livre do maioral do inferno
em todo o lugar.

(Margarida)

~*~

[38]

Virtude das calças de homem e do chapéu.

Aqui está a origem da virtude das calças e do chapéu (que as parturientes, por exemplo, põem na cabeça na hora do perigo, etc.) contada a sério:

O primeiro padre (ou frade - dúvida da narradora, mas deve ser padre) que houve no mundo teve relações com uma mulher casada, e uma noite pressentindo a chegada imprevista do marido, fugiu deixando as calças e o chapéu. O marido dando com aquilo, pediu explicação à mulher, que fingindo-se muito admirada do achado e depois de o examinar, exclamou com surpresa que aquilo eram as *arrelíquias* (reliquias) do Santo homem.

No dia seguinte o marido foi ter com o padre contando o que se passara e o que dissera sua mulher, e o padre quis ir verificar se realmente as calças e o chapéu eram seus. Foi acompanhado do marido e encarando com as calças e o chapéu, exclamou com surpresa:

"São as minhas *arrelíquias*! mas não terão virtude, sem as benzer de novo!"

E benzeu-as.

Não se diz se fez presente dos objectos benzidos à mulher; mas é natural que sim.

(Margarida)

~*~

[39]

Mar - Vento - Estrela Polar - Lua - Sol.

O mar queria governar; mas o vento não o deixava, porque ou soprava com tal violência que metia a pique tudo o que por ele corria (navio?), ou parava de todo, o que também o contrariava. O mar foi então à Estrela Polar para ela pedir à Lua que conseguisse do vento que o deixasse governar. A estrela dirigiu-se à Lua a fazer-lhe o mesmo pedido; mas esta respondeu que nada pediria ao vento que era [molesto] e intratável, mas que pediria ao seu irmão Sol. Assim o fez; mas o Sol escusou-se primeiro com referir que o vento era muito

audacioso e colérico e perigoso, por entrar por toda a parte; por fim sempre consentiu em fazer o pedido ao vento que não cedeu da sua liberdade de soprar quando e como quisesse, ficando por isso as coisas na mesma e o mar governando apenas quando o vento lho consentia.

(Margarida)

~*~

[40]

O parto de três meses.

Um homem casado com uma mulher ficou admirado de que ela lhe desse um filho logo ao terceiro mês, de Abril a Junho. Ela provou-lhe que eram 9 meses. Deste modo:

- Abril, arre-Abril e o mês que há-de vir, três; Maio, remamaio, agramaio (gramai-o), seis; Junho, Junhete e o mês em que há-de nascer o rapazete, nove.

Com a repetição da demonstração o homem ficou convencido.

(Gracia)

~*~

[41]

«.....»

Uma menina tinha uma avòzinha. Todos os dias ia à mestra, e a avòzinha arranjava-lhe sempre uma merendinha, numa cestinha. Um lobo encontrou-a no caminho e comeu-lhe a merendinha - e depois o lobo foi mais fino, e veio para casa antes da menina e comeu a avòzinha; pôs a touca dela e meteu-se na cama. Quando a menina veio, disse a menina:

"Oh! minha avòzinha, o lobo comeu a merendinha."

"Comeu, minha menina?"

"Comeu minha avòzinha!"

E disse o lobo:

"Oh! minha menina, vem aqui para a caminha."
E a menina foi. E disse a menina:
"Oh, minha avòzinha, que pernas tão compridas!"
"É para melhor correr, minha filha."
"Oh, minha avòzinha, que braços tão compridos!"
"É para melhor te abraçar, minha filha."
"Oh, minha avòzinha, que orelhas tão grandes!"
"É para melhor te ouvir, minha filha."
"Oh, minha avòzinha, que boca tão grande!"
"É para melhor te comer, minha filha."
E zás, comeu-a.

~*~

[42]

(Conto?)

Uma mulher que vivia no terreiro da Misericórdia (Guimarães), ouviu uma vez perto da meia noite, uma bulha na rua, como o de tinir de cadeias de ferro. Julgou ser algum cão (que se desprendera, arrastando com ele o cadeado), mas abrindo a janela para a rua viu que era um vulto humano.

"Ora vai, que não vais aí por nenhum mal que te eu fizesse."

E ia a fechar a janela, quando o vulto lhe disse de baixo:

"Amanhã, à meia-noite, hás-de-me aparecer no adro de S. Pedro de Azurém."

A mulher no dia seguinte foi-se ter com um padre e contou-lhe o que se tinha passado. O padre disse-lhe:

"Não tem remédio senão ir. Mas vá; faça um São Solimão (no adro) e meta-se dentro dele. Só assim é que não há perigo."

Assim mesmo o padre foi pedir aos frades que rezassem pela mulher.

Na noite marcada a mulher foi, fez o São Solimão, e meteu-se dentro dele, e à meia-noite em ponto, o vulto apareceu-lhe e disse-lhe:

"Ora vai; o que te vale não é o São Solimão, é o Frade Tamanca (dos capuchos) que está a pedir por ti. Nunca mais te tornes a meter com quem passa."

(António Guimarães)

[43]

Mostra-lhe a ordem.

O galo era compadre da raposa, e esta chegou-se um dia a ele e disse-lhe:

"Não sabes? olha que há agora uma ordem para os bichos se não comerem uns aos outros."

O galo ficou ciente e a raposa disse-lhe:

"Fecha um olho."

O galo fechou um olho.

"Fecha o outro."

O galo fechou o outro olho. E zás, a raposa engoliu-o (comeu-o).

Nisto aparece um caçador, e a raposa larga a fugir e os cães, correndo atrás dela. E dizia o galo à raposa de dentro da barriga dela:

"Mostra-lhe (o rabo)."

Dizia a raposa:

"Não posso."

O galo saiu-lhe pela boca fora, empoleirou-se numa árvore e gritou-lhe:

"Mostra-lhe a ordem! mostra-lhe a ordem."

"O tolo é quem se faz cego, e o não é."

~*~

[44]

Adro.

Havia em certa aldeia uma rapariga muito afoita. Numa noite de esfolhada perguntaram-lhe se ela era capaz de ir ao adro da Igreja, e para desenganar os incrédulos, saiu da esfolhada e voltou tempo

depois. Alguns dos incrédulos duvidavam ainda que ela houvesse cumprido lisamente a promessa.

"Tanto fui que, por sinal, encontrei no adro este lençol."

Ao ver o lençol todo o mulherio começou a instar que tornasse ela ao adro restituir o lençol, que talvez pertencesse a algum defunto. A rapariga disse prontamente que tornava ao adro a pôr o lençol onde o achou e foi. Mas chegando ao adro viu uns poucos de defuntos a passear ali, e um deles disse-lhe:

"Ah, é o meu lençol."

E tomou-o das mãos da rapariga. A animosa moça não durou três dias.

(Irmã da Gracia)

~*~

[45]

O carneiro preto.

Um sujeito dos lados da (Cruz da Argola) veio a Guimarães e só pôde retirar de noite. Passando pelo terreiro de Santa Clara viu um carneiro preto, e julgando ser animal perdido, de que podia apossar-se sem perigo de ser descoberto, pegou nele às costas e caminhou o seu caminho. O carneiro porém pesava como chumbo; tanto que chegado à Arcela, o homem viu-se obrigado a descansar, pousando o animal em contra de uma parede.

"Pousa-me devagar para me não esfolares o serro" - disse o carneiro.

Ouvindo isto, o homem largou a correr na certeza de que o carneiro era o diabo.

(António Guimarães)

~*~

[46]

A mulher tola .

(I)

Era uma vez um homem casado com uma mulher tão parva, que chegou a pensar que não havia em todo o mundo ninguém mais parvo do que ela. Para se desenganar, resolveu-se a correr terras.

Chegando a um sítio, viu um homem sentado no *trepo* dum árvore e a serrar o tronco dela abaixo do *trepo*.

"Oh! homem! Vocemecê após que acabar de serrar esse tronco, cai da árvore abaixo."

"Agora! caio."

"Pois ande lá."

O viajante foi andando o seu caminho e quando passado pouco tempo sentiu alguém a gritar, correndo atrás dele, e voltando-se viu que era o serrador da árvore.

"Oh homem, vocemecê é algum santo?"

"Porquê?"

"Como adivinhou que eu havia de cair abaixo da árvore? Quando acabei de serrar a árvore, caí, como vocemecê disse."

(Esqueceu outro episódio:)

O homem que caiu da árvore abaixo convence-se que o viajante é um santo, vai a casa, monta numa égua e corre atrás dele até o apanhar.

"Oh homem! vocemecê é santo; diga-me quando eu hei-de morrer"

"Bu! eu sei lá quando vocemecê há-de morrer?!"

" Sabe, sabe. Vocemecê é santo; soube que eu havia de cair da árvore, há-de também saber quando eu hei-de morrer."

Para se livrar do importuno, o viajante disse-lhe que ele havia de morrer, quando a égua, em que ia, mijasse três vezes. O homem voltou para casa, e, como a égua mijou três vezes, à terceira ele atirou-se abaixo gritando que estava morto. Acudiu um outro homem que o ouviu, e vendo que o outro a gritar como um possesso dizia estar morto, chamou-lhe tolo e os dois acabaram por pegar à pancadaria.

O homem foi andando, pensando que nem só a mulher dele era tola, quando chegou a outro sítio, onde ouviu uma grande festada numa casa. Chegou-se e perguntou por que aquilo era.

"Estamos aqui a ensaiar-nos para irmos buscar o Sol."

O homem ficou admirado, mas os da festa disseram-lhe que, se não fossem buscar o Sol, ele não viria.

"Se vocemecês querem experimentar, deixem-se ficar aqui e verão, como o sol vem, sem ser preciso ir buscá-lo."

Ficaram todos muito espantados, e resolveram-se a seguir o conselho. Daí a pouco o sol apareceu, e todos começaram a bradar que o homem era um santo.

Mais adiante encontrou ele umas mulheres a entrar e a sair duma igreja, levando umas cestas que punham ao sol no adro e que cobriam com um pano.

"Vocemecês que fazem aí?"

"A igreja é tão fria que nós vimos aqui buscar o sol aos cestos, para o levar para dentro."

"Vocemecês assim não fazem nada. Se querem sol dentro da igreja, tirem algumas telhas do telhado, e troquem-nas por telhas de vidro."

As mulheres assim fizeram e ficaram pasmadas da boa lembrança do homem.

Mais adiante encontrou ele outras mulheres a atirar com ovos ao sino duma torre. Perguntou para que servia aquilo e elas responderam que era para fazer tocar o sino para a missa, porque não queriam ir tocá-lo lá acima à torre. O homem disse que então deviam pôr um arame no badalo, de modo que o arame chegasse abaixo, de onde se pudesse puxar por ele.

O homem ia-se admirando de ver tantos tolos.

Noutro sítio viu três homens num campo: um pegava numa palheira de centeio, ainda com a raiz na terra, outro segurava num ferro cortante que ajuntava ao pé da palheira e o terceiro dispunha-se a dar uma martelada no ferro.

"Vocemecês, que querem fazer com isso?"

- Queremos cortar este campo de centeio.

"Isso leva-lhes uma eternidade. Se vocemecês querem, eu arranjo-lhes uma bicha que corta isso em pouco tempo; mas custa bastante dinheiro. Custa quatrocentos mil réis."

- Não importa; se ela faz o que vocemecê diz, damos os quatrocentos mil réis.

O homem foi arranjar uma fouchinha, e recebeu os quatrocentos mil réis, mas preveniu-os de que tomassem cautela com a bicha porque ela mordia e era venenosa.

Os segadores começaram a cortar o centeio com a fouchinha, mas o primeiro feriu-se com ela. Como sabiam que ela era venenosa, para o veneno não contagiar mais ninguém, resolveram matar o homem ferido e dar também cabo da bicha. Começaram à paulada à fouchinha, mas um deles deu-lhe uma pancada no cabo e a fouchinha ressaltou e veio-se-lhe espetar de pronto na testa. Os homens largaram a fugir com medo da bicha e foram chamar os vizinhos, e então começaram todos de longe a dar tiros na fouchinha a ver se matavam a bicha.

O homem, que tinha voltado por ali, não quis saber de mais e voltou para sua casa, desenganado de que havia gente mais tola do que sua mulher.

(Irmã da Gracia)

~*~

A mulher tola . (I) (Aditamento)

A história do homem que corre mundo e encontra por fora de casa gente mais tola do que a que tinha nela é muito compósita. Começa assim:

A mulher foi buscar vinho à loja; pôs a infusa e abriu a torneira, mas vendo uma machadinha, pendurada no tecto, começou a pensar na desgraça que sucederia se ela se desprendesse, quando por ali passasse alguém, e começou a chorar alto. E a torneira aberta e o vinho já a correr pelo chão, depois de ter enchido a infusa. Acudiu uma filha aos choros da mãe e contando-lhe esta as suas aflições a propósito da machadinha, esta largou também a chorar. E a torneira aberta e o vinho a correr. Veio assim o resto da família e todos se põem a chorar.

Chega enfim o pai, que espantado de tanta estupidez, se resolveu a correr mundo, já se sabe para quê. Encontra então uma série de parvos tão bons como os seus:

Uma velha que pendurava o lampião no nariz, para trabalhar de noite, entendendo que só assim podia alumiar-se e ter as mãos desocupadas, e o acha um génio, quando o homem lhe diz que pouse o lampião aqui e ali. -Os homens levam cestas de sol para casa, para o guardar durante o inverno. -Os homens que se levantam antes do nascer do Sol e fazem grandes festanças, na persuasão, de que, se as não fizerem, ele não virá.

(Esta tem o seu merecimento.)

~*~

[47]

A mulher tola . (II)

Um homem casou com uma mulher que supunha ser muito fina, mas que lhe saiu muito tola. Mataram um porco, e o homem disse-lhe partindo o porco em doze porções:

"Governa isto bem; isto é para os doze apóstolos (doze meses do ano); olha lá se reparas bem no que eu digo."

Um dia, a mulher viu passar uns malhadores e pôs-se a contá-los:

"Um, dois, três..." Contou até doze. "Aqui estão os doze apóstolos, de que falava o meu homem."

E deu as doze porções aos doze malhadores, guardando apenas um bocado de uma delas, para se regalar.

Quando o homem voltou de fora, disse-lhe ela:

"Olha que já fiz o que tu mandaste; passaram por aqui os doze apóstolos, e eu dei uma porção de porco a cada um. Só fiquei com um bocado para provar."

-Mas que estás a dizer?!

"Pois não disseste que os doze pedaços de porco eram para os doze apóstolos? Passaram por uns doze homens e eu perguntei-lhes se eram os apóstolos. -Porquê? - Porque meu homem disse que repartisse a carne de porco pelos doze apóstolos. Os homens disseram que sim, que eram os doze apóstolos, e eu dei-lhes o porco, como tu mandaste.

-Sempre és muito tola! Agora hás-de remediar-te todo o ano com o bocado de porco que ficou. Mete só um bocadinho de carne em cada olho de couve, que não há para mais.

O homem saiu e a mulher partiu o pedaço de carne de porco em muitos bocadinhos e foi por cada bocadinho em cima dos olhos da couve da horta; mas vieram os cães e comeram-nos. Quando a mulher deu sentido e correu atrás dos cães, apenas pôde apanhar um. Atou-lhe uma corda ao pescoço e veio prendê-lo na adega, mas atou a ponta da corda à torneira do pipo do vinho.

Quando o marido chegou, contou-lhe o sucedido.

- Eu fiz o que tu mandaste. Pus um bocado de carne de porco em um olho de couve. Mas vieram os cães e comeram tudo. Por sinal ainda tenho um preso na adega, que pude agarrar. Anda ver."

O homem foi à adega, gritando que não tinha dito à mulher que metesse a carne sobre os olhos das couves que estavam na horta, mas com as que metesse na panela, mas chegando à adega, maior foi o seu desespero, vendo que o vinho do pipo estava todo entornado, porque o cão, preso à torneira, a tinha arrancado à força de puxar, levando a torneira a rastos e escapando-se por uma porta.

~*~

[48]

Pedro Malas-Artes.

Um rapaz muito tolo disse uma vez à mãe:

"Oh, minha mãe, eu gosto tanto da Rosinha que queria casar com ela."

"Olha que para te casares, é preciso saberes comprar e vender e tu não tens siso nenhum disso.

"Sei, sei."

"Pois vamos ver; hás-de ir à feira comprar agulhas."

O rapaz foi comprar as agulhas, mas entrando em casa a mãe perguntou-lhe por elas.

"Olha, como vinha para aqui um carro de mato, pu-las dento do carro."

"Não devias fazer assim; devias metê-las no forro (do canhão revirado) da véstia, para as não perder. Torna à feira e vai comprar um ferro de arado."

O rapaz comprou o ferro do arado, e como ele lhe não cabia no forro da manga, abriu um rasgão no corpo da véstia, e meteu lá o ferro do arado.

"Ó rapaz, tu que fizeste?"

"Pois vocemecê não disse que metesse o ferro de arado no forro da véstia?"

"Eu disse-te isso para as agulhas. O ferro do arado, se o não querias trazer na mão, devias atar-lhe um cordel num dos buracos e trazê-lo às costas. Mas agora vai outra vez à feira comprar um porco."

O rapaz comprou o porco; atou-lhe as pernas com uma corda e trouxe-o às costas. A gente que ele encontrava pelo caminho espantava-se, mas ele dizia que a mãe assim o tinha ensinado; mas, chegando a casa, a mãe também começou a estranhar-lhe a lembrança.

"Pois vocemecê não me disse que atasse o porco a uma corda e o trouxesse às costas?"

"Isso era o ferro do arado. Tu devias atar uma corda à perna do porco, pegar numa vara e ir-lo trazendo adiante de ti. Vai comprar um cântaro."

O rapaz chegou a casa arrastando a asa do cântaro, a que tinha prendido uma corda.

"Tu que trazes?"

"Pois vocemecê não me disse que atasse uma corda à perna do porco, e que o trouxesse adiante de mim. Eu atei a corda à asa do cântaro, e como não podia trazê-lo adiante de mim, trouxe-o a rastos e ele só me deixou a asa."

A mãe viu que não podia fazer bem do filho, mas a ideia fixa dele era casar com a Rosinha. Por fim a mãe cedeu e a moça aceitou, porque era pobre e o rapaz com bastante de seu.

Houve grande boda, e ao fim dela, o pai da Rosa despediu a assembleia dizendo "que fosse cada galo para o seu galinheiro." A



casadesarmento

centro de estudos do património

noiva não soube como o rapaz desapareceu, e só no dia seguinte é que ele estava aninhado em cima do forno (onde os galos que ficam nas cozinhas costumam empoleirar-se).

"Você que faz aqui?"

"Pois não dizia o seu pai *'cada galo ao seu galinheiro'*; eu vim para este galinheiro."

N.B. -A história termina com uma porcaria. A mulher diz-lhe que não coma o doce que ficou da véspera, se não morre.

Ele come o doce à tripa fora; vem-lhe uma diarreia; mete-se na cama dizendo sempre que está morto, e sujando-a.